



**POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS:  
 IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS**

**CHILD AND ADOLESCENT POPULATION ON THE STREETS AND FOREIGN STUDENTS:  
 INTERCULTURAL IMPACTS ON DEVELOPMENT AND ACCESS TO SCHOOLS**

**NIÑOS Y ADOLESCENTES DE LA CALLE Y ESTUDIANTES EXTRANJEROS: IMPACTOS  
 INTERCULTURALES EN EL DESARROLLO Y EL ACCESO A LA ESCUELA**

Gislaine Araujo Dantas Tanaka<sup>1</sup>, Helena Teresinha Reinehr Stoffel<sup>2</sup>, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito<sup>3</sup>,  
 Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann<sup>4</sup>, Luciane Demiquei Gonzatti<sup>5</sup>

e391860

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i9.1860>

PUBLICADO: 09/2022

**RESUMO**

O presente estudo tem como tema, os impactos interculturais no desenvolvimento e no acesso às escolas dos menores de rua e adolescentes que vivem nas ruas e dos estudantes estrangeiros que chegam nas escolas brasileiras. Os objetivos são analisar os impactos na educação e mostrar a triste realidade em que vivem os menores em situação de rua, e verificar quais são as principais limitações interculturais que os estudantes estrangeiros enfrentam ao chegar na escola brasileira. Esse estudo é resultado de pesquisa bibliográfica, qualitativa e quantitativa com aplicação de pesquisa de campo, via Google Forms. A base teórica está fundamentada em Brandão (2013), Claro *et al.* (2014), Candau (2012), Funiber (2021), Godinho (2015), Luna (2011), Mota (2012), Nunes (2013), Silva e Avelar (2014) e outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Meninos de rua. Estudantes Estrangeiros. Impactos. Interculturalidade. Escolas.

**ABSTRACT**

*The present study has as its theme, the intercultural impacts on the development and access to schools of children and adolescents who live on the streets and foreign students who arrive in Brazilian schools. The goals are to analyze the impacts on education and show the sad reality in which street children live, and to verify what the main intercultural limitations that foreign students face when they arrive at Brazilian schools. This study is the result of bibliographic, qualitative, and quantitative research with field research application via Google Forms. The theoretical basis is based on Brandão (2013), Claro et al. (2014), Candau (2012), Funiber (2021), Godinho (2015), Luna (2011), Mota (2012), Nunes (2013), Silva and Avelar (2014), and others.*

**KEYWORDS:** Street Boys. Foreign students. Impacts. Interculturality. Schools.

**RESUMEN**

*El presente estudio tiene como tema los impactos interculturales en el desarrollo y acceso a la escuela de los menores y adolescentes que viven en la calle y de los estudiantes extranjeros que llegan a las escuelas brasileñas. Los objetivos son analizar los impactos en la educación y mostrar la triste realidad en la que viven los menores en situación de calle, y comprobar cuáles son las principales limitaciones interculturales a las que se enfrentan los estudiantes extranjeros al llegar a las escuelas brasileñas.*

<sup>1</sup> Mestranda em Educação com especialização em Educação Superior- Universidad Internacional Iberoamericana (UNINI), Puerto Rico.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação com especialização em TICs - Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA).

<sup>3</sup> Mestranda em Educação com especialização em Gestão e Organização de Centros Educacionais - Universidad Internacional Iberoamericana (UNINI), Puerto Rico

<sup>4</sup> Mestranda em Educação com especialização em Educação Superior - Universidade internacional Iberoamericana (UNINI). Puerto Rico.

<sup>5</sup> Mestranda em Educação com especialização em Educação Superior- Universidade internacional Iberoamericana (UNINI). México.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

*Este estudio es el resultado de una investigación bibliográfica, cualitativa y cuantitativa con la aplicación de la investigación de campo, a través de Google Forms. La base teórica se fundamenta en Brandão (2013), Claro et al. (2014), Candau (2012), Funiber (2021), Godinho (2015), Luna (2011), Mota (2012), Nunes (2013), Silva y Avelar (2014) y otros.*

**PALABRAS CLAVE:** Niños de la calle. Estudiantes extranjeros. Impactos. La interculturalidad. Escuelas.

### INTRODUÇÃO

Crianças e adolescentes em situação de rua têm se tornado um fenômeno comum na movimentação de pessoas nos grandes centros urbanos brasileiros. Esse cenário tem se modificado ainda mais com a constante chegada de pessoas estrangeiras ao Brasil, que chegam em nosso país procurando melhores condições de vida. Com isso, nosso país tem se tornado cada vez mais multicultural, afinal, a presença de grupos socioculturais diversos nos cenários públicos estão enriquecendo a nossa cultura. Em contrapartida, a ausência de qualificação das pessoas que aqui chegam, muitas vezes obriga as famílias a viverem nas ruas, aumentando ainda mais esse cenário tão caótico. Concordamos que a migração proporciona a interação entre as pessoas “pertencentes a diferentes grupos nacionais, étnicos e culturais” (Funiber, 2021, p. 36).

Essas crianças de rua, por anos, foram rotuladas de "meninos de rua", apenas descritos como um problema social, como se isso fosse uma escolha deles. O termo era popular no Brasil na década de 1980 e se refere a grupos sociais que ganharam popularidade em grandes cidades de países latino-americanos. No entanto, desde então, segundo Arpini e Gonçalves (2011), diversos estudos foram realizados com esse grupo de pessoas, e esse interesse tem desencadeado mudanças na compreensão e na nomenclatura desse fenômeno. Além disso, reconheceu-se que, tanto os “meninos de rua” como os imigrantes, conforme recordam Debiaggi e Paiva (2022, p. 01) “por terem trajetórias sofridas são seres vulneráveis, que precisam se sentir olhados”, e olhar para o outro é uma grande oportunidade de superarmos nosso próprio egoísmo. Nesse sentido, Candau (2012 p. 237) ressalta que,

se quisermos potencializar os processos de aprendizagem escolar na perspectiva da garantia a todos/as do direito à educação, teremos de afirmar a urgência de se trabalhar as questões relativas ao reconhecimento e à valorização das diferenças culturais nos contextos escolares

À medida que as pessoas compreendem as razões e os fatores que levam essas crianças e jovens às ruas, a visão de que essas crianças e jovens são eles próprios problemas é gradualmente substituída. A compreensão da heterogeneidade desse grupo e o fato de que as ruas não devem ser vistas como definidoras de suas vidas levantam questões relacionadas à formação de sua identidade e subjetividade. Dietz (2012) ressalta que são recorrentes as expressões de diferentes maneiras de dominação cultural, as quais tentam camuflar as desigualdades sociais que são observadas especialmente naqueles que vivem nas ruas, e isso poderia ser resolvido com políticas públicas mais



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

eficazes e com movimentos sociais em prol dessa população desassistida. A partir dos estudos realizados por Dietz (2012, p. 20), movimentos sociais podem ser entendidos como,

qualquer ato coletivo que apresenta - com certa permanência no tempo e no espaço - uma capacidade de mobilização que se baseia na elaboração de sua própria identidade e em formas muito flexíveis de organização e pouco especializado, com o objetivo de impactar o desenvolvimento da sociedade contemporânea e de suas instituições.

Portanto, com o objetivo de enfatizar a efemeridade e a transitoriedade das condições de vida e do perfil geral dessa população, Brandão (2013) destaca que o termo “sem-teto” vem se popularizando cada vez mais. Este e outros termos com entendimento semelhante, como “na rua” e “morador de rua”, referem-se ao fato de passarem a maior parte do tempo na rua, embora mantenham alguns contatos familiares e/ou sem a companhia de responsáveis, utilize este espaço como referência, seja familiar ou profissional. O fato desses menores saírem às ruas, de acordo com Claro *et al.* (2014), é frequentemente um sinal extremo e grito de ajuda que não foi ouvido ou efetivamente reconhecido antes.

Analisando o contexto em que vivem esses menores, pode-se dizer que se sentem, negligenciados, tanto pelos familiares, como pelas comunidades em que residem e, sobretudo, pelo poder público, órgão que carece de medidas mais eficazes que possam beneficiar essa camada da população que cresce dia a dia. Vivendo nas ruas o vínculo afetivo familiar, que contribui de forma muito eficaz no desenvolvimento dessas crianças, não existe, e isso os torna rudes consigo mesmos e com as outras pessoas, mas, é uma forma que encontraram para sobreviver.

O fato de não frequentarem à escola e por estarem convivendo nas ruas em meio ao tráfego de drogas e exploração do trabalho infantil, tornam-nos bastante vulneráveis. Para mudar esse cenário, faz-se necessário que o poder público oportunize projetos que acolham esses menores. Um exemplo de projeto que poderia dar muito certo, seria um projeto esportivo, que lhes possibilitasse sair desse mundo sem perspectiva para um mundo de sonhos possíveis, que desenvolvesse nesses jovens a autoestima, que os fizessem acreditar que todas as pessoas podem ser bem-sucedidas, dessa forma poder-se-ia desmistificar as crenças impostas pelas família e pela sociedade, mesmo que inconscientemente.

Um país com os recursos que o Brasil tem, esse tipo de política pública e medidas poderiam se tornar uma realidade em todos os estados brasileiros. Considerando o que foi exposto, tem-se como problema de pesquisa: Qual é a realidade da população infantil e adolescente que vivem nas ruas e quais são as limitações que estudantes estrangeiros enfrentam e quais são os impactos no desenvolvimento da criança no acesso à escola. O estudo justifica-se porque os direitos das crianças e jovens de rua estão previstos nas leis, no entanto, necessitam de políticas públicas bem mais efetivas e se faz necessário que os direitos assegurados na legislação sejam respeitados e implantados. É nesse sentido que este artigo pretende contribuir, buscou-se analisar o que muitos autores têm



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

estudado, e sintetizou-se informações relevantes, visando a reflexão e o aprofundamento do debate contemporâneo sobre esse tema.

A pesquisa é uma revisão de literatura e o objetivo principal foi analisar a realidade da população infantil e adolescente nas ruas, apontar limitações que estudantes estrangeiros enfrentam e o impacto no desenvolvimento da criança no acesso à escola. Optou-se em abordar os temas por capítulos. No capítulo 1 traz-se uma análise da vida nas ruas, no 2, analisa-se os prejuízos no desenvolvimento pessoal causados pelo afastamento de casa, no 3 aborda-se as instituições de acolhimento, no 4 analisa-se a violência e as drogas que envolvem os menores de rua dispõe sobre o trabalho infantil e adolescente, no 5 discorre-se sobre a educação e escola e as contribuições para o desenvolvimento pessoal, e no 6 aborda-se a vulnerabilidade da saúde de quem vive nas ruas. Na sequência, no capítulo 7, apresenta-se a metodologia utilizada neste estudo, no 8 apresenta-se os resultados e análise dos dados da pesquisa de campo realizada com estudantes estrangeiros, e por fim, no capítulo 9, traz-se as considerações finais.

### 1. A VIDA NAS RUAS

Vários estudos têm mostrado que a natureza efêmera da vida nas ruas torna impossível retratar de forma única esses temas. De um modo geral, o texto analisado retrata apenas os atributos do sujeito em um tempo limitado e num ambiente peculiar. Segundo estudos realizados por Ferreira; Littig e Vescovi (2014), a diversidade da rua como ambiente de desenvolvimento, a relação com a família e a escola, o cotidiano e as atividades, o tempo na rua, a rede construída dentro e fora desse espaço, devem ser considerados na construção de interpretações, que na maioria das vezes desfavorece quem está nessa situação.

Já Godinho (2015) ressalta que parece haver uma diferença entre aqueles que acreditam que o ambiente de rua determina as condições de vida, as formas de existência, as práticas sociais e as identidades dos jovens de rua e aqueles que tentam desmistificar o conceito de cultura de rua, por acreditarem que os indivíduos que vivem nas ruas reproduzem os valores sociais dominantes.

Apesar das condições de vida instáveis em que vivem as crianças de rua, ainda há, por parte de alguns, perspectivas de futuro para além das ruas, e essas conseguem estabelecer formas de se relacionar com o mundo, que não são totalmente permeadas pelo abandono e pela violência. Porém, conforme Lima (2014), quem participa de grupos de rua parece ter mais dificuldade em sair deste mundo.

De acordo com a análise da literatura, Luna (2011) afirma que existem diferentes visões sobre vivência nas ruas. Destacam-se particularidades positivas associadas à fonte de acolhimento, trabalho e lazer, liberdade e tentativas de superação de desvantagens, bem como os aspectos negativos relacionados ao estigma e marginalização. Afirmarões ambíguas como esta nos fazem questionar a ideia de que crianças e jovens só saem às ruas por vontade ou desejo, na verdade, muitas vezes enfrentam a violência e o crime, e tentam sobreviver como podem.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

### 2. AFASTAMENTO DE CASA

Conceber as origens econômicas, sociais, políticas e culturais de crianças e jovens, segundo Mota (2012), é de extrema importância para o debate sobre o que os motivou a viver nas ruas. Muitos são os motivos associados a esse problema, porém, estudos têm demonstrado que as más condições socioeconômicas podem levar a problemas sociais e psicológicos e afetar a saúde física e mental das pessoas.

Nunes (2013) apontou que décadas atrás, esses fatores poderiam até fazer com que crianças e jovens ficassem longe de seus núcleos familiares e locais em que viviam. Lamentavelmente, a falta de recursos básicos das famílias que vivem nas grandes cidades e fatores relacionados à violência, abuso e, sobretudo, a negligência de todos os responsáveis por essas crianças, ainda são os principais motivos pelos quais elas deixam suas casas, com a ilusão que a rua pode ser melhor do que viver a situação que vivem em casa.

Os relatos de crianças e jovens pesquisados enfatizam que a violência é um motivo para o abandono da família. A busca por maior liberdade também se tornou um motivo que incentiva as pessoas para as ruas, causando uma espécie de deslumbramento, porque tudo parece ser permitido ali. No entanto, é importante ressaltar o fato de que algumas crianças e jovens vão às ruas em busca de empregos para poder contribuir com as despesas domésticas e para suprir suas despesas pessoais, conforme destacam Silva e Avelar (2014).

Problemas financeiros e emocionais, segundo Silva e Avelar (2014), podem desencadear ou exacerbar o processo de enfraquecimento das ligações emocionais e comunitárias, que acabam por afetar a dinâmica e estrutura da família, e tornam-se o principal motivo para as crianças e jovens saírem para as ruas.

Ao fortalecer as alternativas de família e solidariedade oferecidas nas ruas, e ao estabelecer uma forte rede de relações com amigos, com as drogas, com as agências de assistência e hospitalidade, consolida-se o distanciamento da família. Fatores complicados levam gradativamente a um processo de alienação, enfraquecimento e destruição dos laços familiares e comunitários. Mota (2012) destaca que a circulação e as trocas entre casas, ruas e abrigos de acolhimento constituem uma das principais características da vida das crianças e jovens de rua.

De acordo com Mota (2012), a família ainda é uma importante ponte de conexão para os sujeitos que vivem nas ruas, seus vínculos resistem, ainda que desagregados e repletos de contradições. Na pesquisa analisada, as famílias dos menores de rua costumam ser numerosas, e o modelo de família mais comum não é o modelo nuclear. Reorganizações familiares, incluindo novo casamento e separação, são todas descritas naturalmente. No entanto, grupos familiares muitas vezes cercam a mãe, e parentes próximos assumem as responsabilidades maternas e paternas. Em algumas famílias, como foi destacado por Silva e Avelar (2014), a imagem do novo companheiro da mãe, acaba complicando o relacionamento dentro da família, e isso pode ser encarado como motivo de buscar na rua um alívio para seus conflitos internos.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

Ferreira, Littig e Vescovi (2014) ressaltam que nas ruas, algumas crianças e jovens continuam idealizando suas famílias de origem e afirmam querer voltar para casa. As séries que revelam a ausência e/ou abandono da imagem dos pais e o rearranjo familiar, estão intimamente relacionadas com a família unida e feliz idealizada. Vale destacar também que, para algumas pessoas em situação de rua, o abrigo representa sua pátria, pelo menos em certa medida, proporcionando vínculos familiares fragilizados e destruídos. Crianças e adolescentes sob cuidados, segundo Mota (2012), constroem entre si vínculos de solidariedade, que advém da vivência cotidiana, mesmo assim ainda existem conflitos e desconfianças.

### 3. INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO

Uma análise da literatura, dos menores de rua mostram que eles recorrem aos abrigos para atender às demandas básicas para a sobrevivência. Esses lugares desempenham uma função, que, de acordo com Mota (2012), é apontado como imprescindível, embora contrariedades de ambientação, necessidades financeiras e questões políticas sejam frequentemente relatadas.

Os objetivos dos abrigos incluem a reintegração na sociedade, salvaguardando direitos e proporcionando premissas básicas de vida às crianças e jovens em situação de rua. Conforme destacado por Silva e Avelar (2014), esses locais também podem ser compreendidos como espaços em que os menores de rua se sintam acolhidos, e onde há alguém que escute seus anseios.

De forma geral, em consonância com Mota (2012), existe também o entendimento de que as ações desempenhadas nessas instituições são restringidas por um cenário social mais amplo de exclusão. Encontrou-se uma série de problemas relacionados a esses espaços nas publicações estudadas, entre eles: recursos financeiros insuficientes; dificuldade de conexão com a rede de atendimento; mudanças constantes nas recomendações de empregos; substituição de educadores sociais; aparentemente arbitrário para os jovens e regras inadequadas; distância de amigos e familiares, preguiça e falta de atendimento personalizado. Além disso, é generalizada a crítica de que essas instituições ainda apresentam características de uma “instituição holística”, que viola os direitos das crianças e adolescentes e dificulta o processo de formação de sua identidade e autonomia.

No que se refere às perspectivas futuras de crianças e adolescentes asilados, Ferreira, Littig e Vescovi (2014) destacam que, após a vivência na rua, é possível observar os desafios relacionados às mudanças nas concepções temporais e espaciais desses sujeitos e a confusão das referências básicas de suas histórias de vida. Por outro lado, com base nos estudos realizados por Silva e Avelar (2014), ao se apoiar em ações de ensino e no fortalecimento da relação entre meninas e educadores sociais atuantes nas instituições, é possível despertar novas perspectivas e o processo de reinserção na sociedade.

### 4. VIOLÊNCIAS E AS DROGAS QUE ENVOLVEM MENORES E O TRABALHO INFANTIL

A temática da violência, conforme destaca Mota (2012), é um dos temas mais apresentados nas pesquisas que abordam crianças e adolescentes em situação de rua. Muitas crianças e



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

adolescentes, mesmo sem origem familiar, começam a vivenciar a violência na fase inicial de sua vida. Silva e Avelar (2014) afirmam que a tomada de rua passou a ser uma busca por espaços de proteção. Na rua, a situação geralmente não é diferente, pois situações de violência são constantes. A exposição à violência faz parte dessa dinâmica espacial, portanto, de acordo com Mota (2012), não advém de condições de vida instáveis, ela também é moral e pode levar à morte, em casos de confrontos pessoais e disputas por espaço ou drogas.

Arpini e Gonçalves (2011) apontam que em alguns casos os menores de rua se tornam agressores, dessa forma deixam de ser vítimas, é uma forma de sobrevivência. Sabe-se que crianças agredidas, cedo ou tarde agredem, pois, representam o que vivenciaram. O uso de substâncias químicas proibidas induz os menores a cometer atos violentos, esse fato complica a relação desses sujeitos com a polícia, que deveria ser vista como segurança pública, e não como ameaça para esses menores. Mota (2012) aponta que policiais são frequentemente violentos, preconceituosos e ofensivos, embora em alguns casos seja reconhecida a natureza protetora das operações policiais.

Godinho (2015) relata que a dinâmica familiar parece ser um elemento importante, ora desempenha um papel protetor, outras vezes, é um facilitador relacionado ao uso de drogas. Essa autora afirma ainda que há quem se preocupe com o fato de que a droga proporciona felicidade direta, o que reduzirá outros interesses. E a busca para sustentar os vícios leva ao trabalho infantil.

As questões econômicas e financeiras fazem parte do quadro que afasta crianças e jovens dos seus lares. Seja para contribuir com o sustento da família ou para comprar algo para si, a maioria das pessoas que vão para a rua, vai em busca de sustento, seja de forma lícita ou ilícita.

Os riscos de penetração no trabalho infantil, principalmente em termos de violência, são algumas das preocupações apontadas pelos pesquisadores. Mota (2012) afirma que crianças e jovens compreendem que as percepções de um futuro melhor estão relacionadas ao consumo de substâncias ilícitas e ao retorno à escola, o que reforça a importância dessas entidades desempenham na resposta ao trabalho precoce e à educação preventiva.

### 5. EDUCAÇÃO E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL

As oportunidades que a educação possibilita são temas frequentemente mencionados pelos autores analisados, no entanto, existem grandes lacunas na análise das condições escolares. A escola não é atrativa para esses jovens, motivo pelo qual a evasão escolar tem sido tão frequente. Crianças e adolescentes em situação de rua constituem um grupo desigual. Nesse sentido, Mota (2012) ressalta que a situação de quem mora em abrigo ou trabalha na rua, mas acaba voltando para casa é diferente. Silva e Avelar (2014) afirmam que entre essas crianças, a escolaridade é mais comum se estiver vinculada ao plano de distribuição de renda do governo, principalmente quando é obrigatória.

Parafraseando Mota (2012), entende-se que o acesso à educação pode ser afetado, restringido ou ampliado por uma série de fatores que vão além da dimensão econômica estrita, como dias de trabalho, falta de moradia, idade, gravidez precoce e a localização de certas cidades nas áreas



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

metropolitanas. Por outro lado, políticas públicas que apoiam as pessoas mais carentes parecem ampliar as possibilidades de aprendizagem, mesmo nos grupos mais vulneráveis.

Alguns estudos têm enfatizado o quão importante é a implantação de alternativas para garantir as oportunidades e a permanência das crianças e jovens de rua nas instituições de ensino. Silva e Avelar (2014) ressaltaram que é necessário mudar e transformar o sistema de ensino, inserindo projetos pedagógicos que envolvam esses alunos para que sintam o desejo de permanecer na escola. A lógica da classificação e, sobretudo, as avaliações que focam mais na nota do que na aprendizagem, os afasta da escola. Stoffel, Brito e Gonzatti (2022, p. 49) afirmam que “faz-se necessário repensar as metodologias utilizadas e os instrumentos de avaliação, vencer os paradigmas, reconstruir e, criar novos mecanismos de avaliação que vêm de encontro com todas as necessidades”. Incluir as tecnologias digitais nas práticas pedagógicas, segundo as autoras citadas, também pode motivar os alunos a querer permanecer no ambiente escolar. Dessa forma, esses jovens que não veem na escola uma perspectiva de continuar os estudos, podem despertar o gosto pelo estudo e, assim, transformar suas vidas.

As habilidades e aptidões desses jovens, conforme Godinho (2015), não são consideradas, ainda que assegurem sua sobrevivência. Ele se aplica à sua história, à cultura e ao idioma. Além disso, as desigualdades enfrentadas pelos alunos em situação de rua, indicam que esse grupo carece de reconhecimento social, o que requer o desenvolvimento de critérios para reduzir o impacto da desigualdade para a permanência na escola.

As estratégias mencionadas por Godinho (2015), incluem a possibilidade de obtenção de consultas médicas, o direito à posse de documentos e o direito a usar roupa limpa e o direito ao nome. Isso ajudará a transformar a escola em um espaço de luta pelo reconhecimento social e pela libertação por meio da educação.

### 6. A VULNERABILIDADE DA SAÚDE DE QUEM VIVE NAS RUAS

Estudos realizados por Silva e Avelar (2014) têm demonstrado que, nas ruas, os menores enfrentam inúmeros aspectos que os colocam em risco, ao mesmo tempo em que demonstram dificuldade de manter hábitos alimentares e de higiene adequados. Esses fatores afetam diretamente a saúde, e pelo fato de morarem nas ruas, podem manifestar doenças, dependência química, desnutrição e morte prematura.

A imunidade comum e a sensação de onipotência na adolescência os tornam mais expostos aos riscos e às relações sexuais sem o uso do preservativo, aumentando significativamente os riscos de contrair doenças sexualmente transmissíveis. A falta de informação, bem como as limitações que a sociedade lhes impõe de ter acesso aos serviços médicos, segundo Godinho (2015), agravam esta situação. Porém, pesquisas também mostram que a rua pode ser um fator de proteção, e sair de casa significa tentar desenvolver uma “estratégia de saúde” diante da extrema pobreza e violência no ambiente familiar. Ir para a rua, de acordo com Mota (2012), também pode ser um refúgio dos fatores



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

ambientais e psicológicos que os fragilizam, física e mentalmente, mesmo que seja de forma inconsciente, mas, pode ser vista como escolha criativa para manter a saúde mental.

Em relação à promoção da saúde de crianças e adolescentes em situação de rua, construir estratégias de enfermagem em redes e espaços que possibilitem a educação e o estabelecimento de novos vínculos parece ser uma estratégia ideal, embora o cuidado a essa população ainda enfrenta desafios persistentes. A instabilidade das condições em que vivem, na visão de Godinho (2015), e o fato de não possuir residência fixa, dificulta o acesso aos serviços públicos.

Portanto, faz-se necessário uma assistência social para essas pessoas que já vivem uma vida tão difícil. Muitas vezes, ser escutado atentamente por alguém, já pode salvar a vida de quem está pedindo socorro de forma silenciosa ou agredindo alguém. Atender às demandas dos moradores de rua, de acordo com Luna (2011), é apontado como fator promocional da saúde, pois pode identificar a bagagem cultural do participante e promover o planejamento de formas de intervenção adequadas.

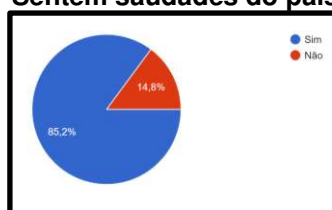
### 7. METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi bibliográfica, qualitativa, quantitativa e de campo. Na pesquisa bibliográfica analisou-se os impactos na educação da criança em situação de rua e objetivou-se mostrar a triste realidade em que elas vivem, conforme descrito no estudo teórico do capítulo dois. A pesquisa quantitativa foi realizada por meio de formulário de múltipla escolha e questões de resposta curta, a qual teve contribuição de 27 pessoas e teve por objetivo conhecer a realidade dos estudantes estrangeiros que estudam em nossas escolas. A análise dos dados coletados será apresentada no capítulo 4 por meio de descrição e de gráficos. Já na pesquisa qualitativa analisou-se aspectos sociais por meio das respostas descritivas dos participantes, alunos estrangeiros.

### 8. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo realizada contou com 27 participantes de seis países: Angola, Portugal, Haiti, Argentina, México e Venezuela. Quando questionado por qual motivo saíram do seu país de origem, obteve-se respostas diversificadas: Vieram para estudar, trabalhar, tinham parentes no Brasil, buscar melhores condições de vida e uma economia melhor, porque no país de origem quase não tinha o que comer, oportunidade de emprego, buscar experiências diferentes e por questões políticas do país de origem. Todos responderam que alguns familiares ficaram para trás. Ao perguntar se sentiam saudades de seu país, 85,2% responderam que sim, e apenas 14,8% que não (Gráfico 1).

**Gráfico 1 - Sentem saudades do país de origem**



Fonte: As autoras (2022)



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

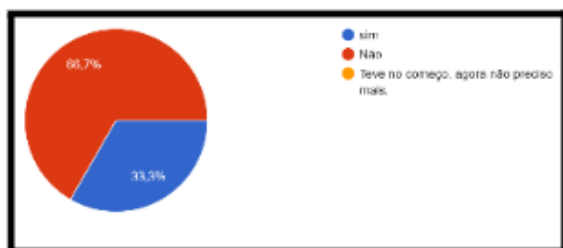
POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

Constatou-se com a pesquisa que, dos 27 estrangeiros entrevistados, 10 chegaram aqui com 3 a 4 integrantes, um respondeu que vieram em 7, quatro chegaram com 10 pessoas, dois chegaram com 5, e sete responderam que vieram em duas pessoas. Os entrevistados manifestaram que foram bem recebidos no Brasil. Apenas um colocou que foi bem recebido, porém as condições não são tão favoráveis como imaginavam. Ao perguntar do que mais sentiam falta do país de origem, a maioria respondeu que era da família e dos amigos, mas, alguns disseram que era do parque, do clima, de brincar com a mãe e amigos, dos costumes e da tradição?

Foi questionado qual foi a maior dificuldade ao chegar no Brasil. Dos 27 entrevistados, 14 responderam que foi o idioma, outros responderam que foi não ter dinheiro para comprar comida, não conhecer ninguém, conseguir um trabalho, adaptação ao clima e costumes diferentes, e dificuldade ao pegar transporte.

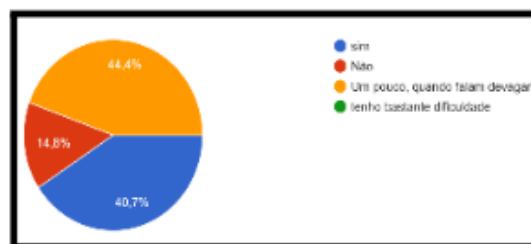
Ao chegar na escola, pelas respostas dos entrevistados, a maior dificuldade foi compreender e aprender o português e não entender a professora, outros colocaram que era o fato de não conhecer ninguém, adaptar-se à cultura, a língua escrita e quando ficam doentes. No entanto, ao perguntar se estavam gostando do Brasil, todos responderam que sim e justificaram dizendo que era um país melhor, acolhedor e 96% responderam que gostam da escola onde estão e que acham importante estudar. Perguntou-se também se havia professor auxiliar para fazer as traduções em sala de aula, 66,7% responderam que não e 33,3% responderam que sim (Gráfico 2). A questionar se já entendiam a língua portuguesa, 40,7 responderam que entendem, 44,4% entendem um pouco e 14,8 não entendem (Gráfico 3).

**Gráfico 2 - professor auxiliar em sala**



Fonte: As autoras

**Gráfico 3 - Entendem a língua portuguesa**



Fonte: As autoras

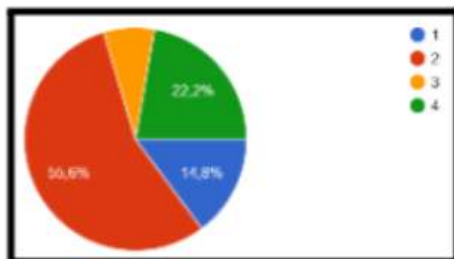
Para conhecer um pouco da realidade social em que vivem, perguntou-se quantos cômodos havia na casa ou apartamento em que moram, 14% possuem um quarto, 55% possuem dois, 7,4% possuem 3 e 22% têm quatro quartos (Gráfico 4). Também perguntou se era possível passar bem o mês com o salário que recebiam, 29,6 falaram que sim, 51,9% responderam que ficava apertado por causa do aluguel, 14,8 responderam que nem sempre conseguem pagar todas as contas do mês (Gráfico 5)



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

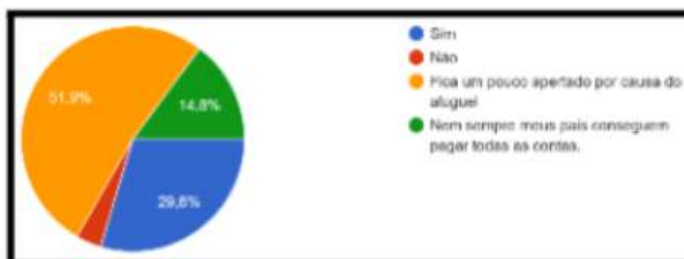
POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

**Gráfico 4 - Número de cômodos na casa**



Fonte: As autoras

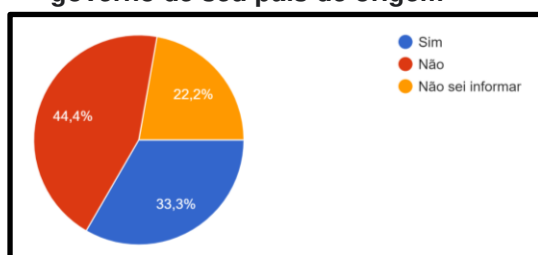
**Gráfico 5 - Conseguem passar o mês com o que recebem**



Fonte: As autoras

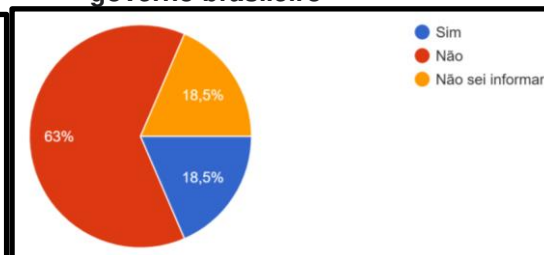
Com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre a realidade em que vivem, perguntou-se, se recebem alguma ajuda do governo do seu país de origem, 44,4% responderam que não recebem, 33,3% recebem, e 22,2% não soube informar (Gráfico 6). E ao perguntar se recebiam algum auxílio do governo brasileiro, 18,5% responderam que sim, 63% não recebiam e 18,5% não souberam responder (Gráfico 7).

**Gráfico 6 - Recebem ajuda do governo de seu país de origem**



Fonte: As autoras

**Gráfico 7- Recebem ajuda do governo brasileiro**



Fonte: As autoras

### 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As demandas específicas das crianças em situação de rua foram reconhecidas pelo Decreto Federal n. 7053/2009, que formulou uma política nacional para essa população. Esse documento foi um grande avanço e teve um impacto positivo nos requisitos regulamentares e no desenho dos sistemas, especialmente no domínio da assistência social e da saúde, mas não teve consideração às particularidades da população infanto-juvenil.

Os direitos da criança e do adolescente estão sendo defendidos num amplo movimento, principalmente no âmbito do Comitê Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), que tem por objetivo desenvolver uma política nacional de infância e adolescência de moradores de rua. Com base nesse documento foi lançada em todo o país a campanha "Crianças não são crianças de rua".

Como reconhecimento desse movimento, esse grupo tornou-se o principal responsável pela publicação das Diretrizes Nacionais de Atenção à Criança e ao Adolescente de Rua, que foram



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

lançadas em outubro de 2017. Esta publicação é fruto do esforço conjunto de organizações da sociedade civil e órgãos governamentais, e reuniu diretrizes que orientam essa vertente do trabalho de proteção social e promoção de direitos. Grande parte das pesquisas analisadas neste artigo levantam questões importantes sobre os estereótipos e crenças que homogeneizaram esse grupo, e contribuíram para uma compreensão sobre os temas analisados.

Os estudos analisados dos diferentes autores comprovaram a importância fundamental de políticas públicas que garantam a oferta de serviços específicos que possam estimular o desenvolvimento das potencialidades de quem vive na rua. Afinal, são sujeitos de direitos que se desenvolvem no contexto de extrema pobreza e vulnerabilidade.

Crianças e jovens, para ajudá-los a alcançar um desenvolvimento integral. Embora tenham ocorrido avanços no campo da regulação, do debate público e dos resultados acadêmicos sobre o assunto, continuam aumentando as punições e repressões que afetam diretamente as pessoas que vivem em situação de pobreza e fragilidade social.

Acredita-se ser necessário agregar algumas sugestões às políticas públicas para crianças e adolescentes em situação de rua. Dada a particularidade e complexidade da situação da população de rua, é necessário fortalecer o trabalho em rede e realizar um trabalho interdepartamental e interdisciplinar para garantir a promoção e proteção integral das crianças e adolescentes que vivenciaram essa realidade. Para que haja um serviço eficiente para atender aos menores que vivem nas ruas, é fundamental que os governantes intensifiquem o orçamento público destinado às operações que visem tirar esses jovens das ruas.

Faz-se necessário criar um espaço de participação e tomada de decisão, por meio do qual os menores de rua possam expressar suas necessidades e tornar-se agentes de decisões em suas vidas. São imprescindíveis iniciativas que oportunizem o exercício da cidadania, a reinserção na sociedade e os projetos de construção de vida.

Em relação às crianças estrangeiras que chegam às escolas brasileiras, constatou-se que a maior dificuldade é o idioma, e na maioria das escolas não há professor auxiliar para fazer a tradução do que é verbalizado pela professora da turma. Mas, graças a interculturalidade e a boa receptividade dos brasileiros, os alunos estrangeiros vão interagindo e as limitações vão diminuindo.

### REFERÊNCIAS

ARPINI, Dorian; GONÇALVES, Camila. Drogas e álcool na relação com a violência: o olhar de adolescentes em situação de rua. **Psico**, v. 42, n. 4, p. 442-449, 2011.

BRASIL, Presidência da República, Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto Nº 7.053/2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm). Acesso em 15 ago. 2022.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

POPULAÇÃO INFANTIL E ADOLESCENTE NAS RUAS E ESTUDANTES ESTRANGEIROS: IMPACTOS INTERCULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO E NO ACESSO ÀS ESCOLAS  
Gislaine Araujo Dantas Tanaka, Helena Teresinha Reinehr Stoffel, Junea Graciele Rodrigues Dantas de Brito, Jussara Aparecida Teixeira Zimmermann, Luciane Demiquei Gonzatti

BRASIL, **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA)**. Disponível em: <https://bitly.com/coEwk>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BRANDÃO, Beatriz. O Estado nas margens e as margens do Estado: ações políticas para meninos em condição de rua usuários de crack. **Publicatio UEPG**, v. 21, n. 2, p. 173-180, 2013.

CLARO, Heloísa. OLIVEIRA, Maria Aparecida; RIBEIRO, Anna Paula; FERNANDES, Caty; CRUZ, Alexandre; SANTOS, Eva. Perfil e padrão de uso de crack de crianças e adolescentes em situação de rua: uma revisão integrativa. **Smad – Revista eletrônica saúde mental, álcool e drogas**. v. 10, n. 1, p. 35-41, 2014.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. (2012). **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos**. Disponível em: <https://www.scielo.br/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DEBIAGGI, Sylvia Dantas e PAIVA, Geraldo José de. (orgs.) Set. 2010. **Psicologia E/Imigração e Cultura**. Ed. Casa do Psicólogo. Disponível em: <https://bitly.com/XJxaKy> Acesso em: 13 Fev. 2022.

DIETZ, Gunther. **Multiculturalismo, interculturalidad y diversidad en educación. Una aproximación antropológica**. México: FCE, 2012. Disponível em: <https://bitly.com/HEQWVCZ>. Acesso em: ago. 2022.

FERREIRA, Vanda; LITTIG, Patrícia; VESCOVI, Renata. Crianças e adolescentes abrigados: perspectiva de futuro após situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p.165-174, 2014.

FUNIBER. **Interculturalidade e educação**. (p. 36). Barcelona. Espanha. (2021)

GODINHO, Josiane. **A escola de quem não tem escola: os desafios da escolarização para jovens em situação de rua**. Porto Alegre: Pucrs, 2015. Dissertação de mestrado em Educação.

LIMA, Rebeca. **Bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua** Fortaleza: Unifor, 2014. Dissertação de mestrado em Psicologia.

LUNA, Izaildo. **Educação em saúde com adolescentes em situação de rua visando à prevenção de DST/Aids**. Fortaleza: UFC, 2011. Dissertação de mestrado em Enfermagem.

M MOTA OTA, Rubens. **A trajetória de jovens em situação de rua usuários de crack**. Brasília: UCB, 2012. Dissertação de mestrado em Psicologia.

NUNES, Rosane. **Concepções de tratamento de crianças e adolescentes usuários de drogas com experiência de vida nas ruas no município do Rio de Janeiro** Rio de Janeiro: PUC Rio, 2013. Dissertação de mestrado em Serviço Social.

SILVA, Josianne; AVELAR, Telma. **Crianças em situação de rua e suas representações sobre lar e família por meio do desenho**. **Psicologia Argumento**, v. 32, n. 76, p. 69-77, 2014.

STOFFEL, Helena Teresinha Reinehr, BRITO, Junea Graciele Rodrigues Dantas de, GONZATTI, Luciane Demiquei. Avaliação: nota ou construção de aprendizagem. In: **Educação: Políticas públicas, ensino e formação** 3. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/65820> Acesso em 12 ago. 2022.